



COLÉGIO NOSSA SENHORA DE SION

ESTUDANTE: \_\_\_\_\_ DATA: \_\_\_\_\_

FICHA DE FÍSICA DO 1º ANO/ PROF. JULIO CESAR

## O Julgamento de Thamus

Você encontrará em Fedro de Platão uma história sobre Thamus, o rei de uma cidade do Alto Egito. Para pessoas como nós, inclinadas (na frase de Thoreau) a ser ferramentas de nossas ferramentas, poucas lendas são mais instrutivas do que esta. A história, como Sócrates contou para seu amigo Fedro, desenrolou - se da seguinte maneira: um dia Thamus recebeu o deus Theuth, que foi o inventor de muitas coisas, inclusive do número, do cálculo, da geometria, da astronomia e da escrita. Theuth exibiu suas invenções para o rei Thamus, afirmando que elas deviam ser amplamente conhecidas e disponíveis aos egípcios. Sócrates continua:

Thamus indagou sobre o uso de cada uma delas, e, enquanto Theuth discorria sobre elas, expressava aprovação ou desaprovação, à medida que julgasse as afirmações de Theuth bem ou mal fundamentadas. Levaria tempo demais repassar tudo o que relatou sobre o que Thamus disse a favor ou contra cada invenção de Theuth. Mas quando chegou na escrita, Theuth declarou: "Aqui está uma realização, meu senhor rei, que irá aperfeiçoar tanto a sabedoria como a memória dos egípcios. Eu descobri uma receita segura para a memória e para a sabedoria". Com isso, Thamus replicou: "Theuth, meu exemplo de inventor, o descobridor de uma arte não é o melhor juiz para avaliar o bem ou dano que ele causará naqueles que a praticarem. Portanto, você, que é pai da escrita, por afeição ao seu rebento, atribui-lhe o oposto de sua verdadeira função. Aqueles que a adquirirem vão parar de exercitar a memória e se tornarão esquecidos; confiarão na escrita para trazer coisas à sua lembrança por sinais externos, em vez de fazê-lo por meio de seus próprios recursos internos. O que você descobriu é a receita para a recordação, não para a memória. E quanto à sabedoria, seus discípulos terão a reputação dela sem a realidade, vão receber uma quantidade de informação sem a instrução adequada, e, como consequência, serão vistos como muito instruídos, quando na maior parte serão bastante ignorantes. E como estarão supridos com o conceito da sabedoria, e não com a sabedoria verdadeira, serão um fardo para a sociedade".

(Tecnopólio: a rendição da cultura à tecnologia/Neil Postman)

O rico e criativo mito elaborado por Sócrates nos permite refletir sob diversos ângulos a respeito dos perigos engendrados pela escrita. Escolhemos, no entanto, começar nossa investigação a partir de um ponto que consideramos fundamental para o entendimento de toda essa problemática: a relação de proximidade que a escrita mantém com a imagem, uma vez que a dimensão imaginária comportada pela escrita faz com que esta se apresente, necessariamente, tal como a imagem, a partir de uma ambiguidade essencial. A relação íntima entre a escrita e a imagem é atestada, além disso, pelo próprio sentido que o termo "escrita" porta em grego, visto que, provinda do verbo γράφω, esta significa arranhar, marcar, traçar linhas, gravar, desenhar, pintar. É deste sentido inerente à palavra grega que Platão parece se apropriar ao realizar no texto uma comparação entre a pintura e a escrita. Na analogia criada, ele afirma que, assim como a pintura nos ilude ao apresentar uma imagem como viva quando está, na verdade, imóvel e inerte, e não pode nos responder uma só pergunta, o escrito, em seu caráter de imagem, também nos permite uma única via de interpretação, na medida em que este, se indagado a respeito do que ele próprio diz, só pode nos dar uma única resposta.

Enquanto contém ou concentra, de alguma forma, em seus caracteres um determinado conhecimento, a escrita pode realizar, perigosamente, uma espécie de imobilidade ou cristalização do saber, que ameaça pôr em risco a vida, no sentido de que, apresentando sempre a mesma e única, maciça e cerrada, resposta, ela inviabiliza o advento do novo, da produção e da criação. De sorte que, ao fazer isso, a escrita pode impedir de despertar, novamente, no homem o movimento original de busca pelas realidades transcendentais, uma vez que este só pode visualizar as verdadeiras essências, isso que é em si e por si mesmo, à medida que o texto consegue transparecer seu próprio limite e não uma completude aparente e ilusória, que, ao oferecer um sentido único, fecha-se e encerra-se dentro de si mesmo, não nos reportando, desse modo, para nada além de si próprio.

Nesse sentido, a escrita se mostra a partir de uma dupla possibilidade de apreensão: ao deixarmos-nos atravessar e interpelar pela insuficiência do texto em sua impossibilidade de apreender o não captável e o inapreensível dos seres inteligíveis, a escrita pode cunhar em nós, ao nos fazer esbarrar subitamente com o

indizível do texto, o desejo de busca por essas mesmas realidades; por outro lado, permitindo-nos enredar na dimensão de imagem do escrito - como se este, em si mesmo, pudesse dizer tudo - corremos o risco de ver emergir no cerne de nossas vidas uma paralisia estranha que lembra a morte. Do mesmo modo que a morte é a ausência radical e total do movimento pertencente à vida, a escrita, pelo engessamento que, em alguns casos, promove, pode causar uma estagnação que implica, comparativamente, na incursão da morte no seio da vida. É nesse sentido que o deus Teute, inventor da arte da escrita, é, ao mesmo tempo, o deus da morte para os egípcios.

Na medida em que o caráter de imagem da escrita permite ao homem acessar somente um único sentido, gerando, com isso, a falsa impressão de conter um conhecimento absoluto, esta pode inviabilizar o movimento da alma humana para além de si mesma, do mesmo modo que o texto escrito só nos reporta quando questionado a respeito do que diz para ele próprio, de sorte que, ao aprisionar o movimento, fundamentalmente intrínseco à vida, a escrita pode produzir uma paralisia, que aproxima o homem da morte, já que a inércia e a imutabilidade da vida é a própria presença da morte no meio desta. Assim como a pintura, a escrita pode, por conseguinte, nos apresentar a aparência de um conhecimento vivo e real, quando, no fundo, nos captura e nos conduz, sorrateiramente, para a morte.

(Amor, belo e escrita a partir do diálogo Fedro de Platão. SILVA, E. M. O., 2011, p. 84).

### ATIVIDADE

1. Até que ponto nossa dependência dos smartphones está moldando não apenas nossa comunicação, mas também nossa capacidade de concentração e reflexão? Como a constante conexão afeta nossa habilidade de processar informações de maneira profunda e crítica?
2. Considerando a rápida evolução da tecnologia de smartphones, em que medida somos consumidores passivos, simplesmente adotando novas tecnologias sem avaliar completamente seu impacto em nossa saúde mental, bem-estar e relacionamentos pessoais?
3. Como a dependência crescente dos smartphones pode influenciar nossa privacidade e segurança pessoal? Em que medida os avanços tecnológicos estão sendo usados para coletar dados pessoais sem o pleno entendimento ou consentimento dos usuários?
4. Em um mundo onde a tecnologia móvel é essencial para o acesso à informação, existe o risco de que grupos sociais vulneráveis sejam marginalizados devido à falta de acesso ou habilidades para usar dispositivos tecnológicos? Como a desigualdade digital pode agravar as disparidades sociais?
5. Ao considerar a rápida obsolescência de dispositivos eletrônicos, como os smartphones, qual é o impacto ambiental da produção em massa, consumo e descarte desses dispositivos? Até que ponto a incessante busca por tecnologia de ponta contribui para a exploração de recursos naturais e para o problema do lixo eletrônico?